
As identidades transculturais e transnacionais. O caso das identidades lusófona e ibero-americana

Moisés de Lemos Martins
Universidade do Minho
moisesm@ics.uminho.pt
(Braga, Portugal)

Resumo

Sendo o atual contexto o da globalização, que é uma realidade de cariz eminentemente económico-financeiro, comandado pelas tecnologias da informação, é meu propósito interrogar a possibilidade da identidade transnacional e transcultural, lusófona e ibero-americana. Coloco, pois, como questão principal a possibilidade de um imaginário de comunidades geoculturais transcontinentais. Nesta perspetiva, interrogo o sentido das narrativas, sejam artísticas, literárias ou de artes plásticas, sejam mediáticas, compreendendo os média tradicionais e os média digitais, e mesmo narrativas científicas, quando se referem à construção de uma comunidade científica transnacional e transcontinental, lusófona e ibero-americana. Interrogo, também, as políticas da língua e da comunicação como combate simbólico pela afirmação de uma comunidade plural, na diversidade de povos e culturas destes espaços transcontinentais. E interrogo, ainda, a complexidade do movimento de interpenetração das culturas, o qual, com gradações diversas, que compreendem colonialismo, neocolonialismo e pós-colonialismo, na relação entre povos, traduz igualmente, além do encontro, a assimilação e a dominação, na interação entre nós e o outro.

Introdução

O nosso tempo é marcado pela globalização, que é uma realidade de cariz predominantemente económico-financeiro, comandada pelas tecnologias da informação. Mas apesar da sua natureza, em grande medida económico-financeira, a globalização é uma realidade que se impõe a toda a realidade humana, seja ela político-social, climática e ambiental, cultural e artística, e ainda científica.

Ora, dado ser esta a realidade da globalização, é meu propósito interrogar neste estudo a possibilidade de identidades transnacionais e transculturais. E o que sobremaneira vou procurar analisar são as condições de possibilidade de uma comunidade transnacional e transcultural, lusófona e ibero-americana.

Sendo este o propósito, começo por me colocar do ponto de vista do sonho, ou seja, de um imaginário de comunidade. Interrogo, pois, o sentido das narrativas, sejam artísticas, literárias ou de artes plásticas, sejam mediáticas, compreendendo os média tradicionais e os média digitais, e mesmo narrativas científicas, quando elas se referem à construção de uma comunidade científica

transnacional e transcontinental, lusófona e ibero-americana .

Interrogo, também, as políticas da língua e da comunicação como combate simbólico pela afirmação de uma comunidade plural, na diversidade de povos e culturas lusófonas e ibero-americanas¹. E cingindo-me ainda ao imaginário de um sonho de comunidade, interrogo, por outro lado, a complexidade do movimento de interpenetração das culturas, o qual, com gradações diversas, que compreendem colonialismo, neocolonialismo e pós-colonialismo, na relação entre povos, traduz igualmente, além do encontro, a assimilação e a dominação, na interação entre nós e o outro.

O contemporâneo e a identidade lusófona e ibero-americana

As identidades, transculturais e transnacionais, lusófona ibero-americana inscrevem-se no contexto pós-colonial e decolonial², que é o nosso, e também no contexto do atual debate sobre a globalização do conhecimento e da cultura digital.

São as tecnologias da informação que tornaram possível o mercado global. Mas o mercado global é uma metáfora que se aplica à nossa existência por inteiro. Porque todas as dimensões da vida humana, não apenas as económicas e as financeiras, mas igualmente as ambientais, as políticas, as culturais, as artísticas e as científicas, estão hoje dependentes de um mercado, o que quer dizer, de uma competição, seja um ranking, uma estatística, um empreendedorismo, ou um websummit qualquer.

Acontece, ainda, que é da natureza da tecnologia da informação, enquanto *teckne*, ter um vínculo marcado com a *aesthesis*, o que significa com a emoção. E esta associação da técnica com a estética, fazendo dela uma realidade que convoca a emoção, dá forma ao narcisismo contemporâneo, que Michel Maffesoli caracteriza como um tribalismo (MAFFESOLI, 1988)³. Este analista da chamada condição “pós-moderna”, radicaliza esta tese numa fórmula de grande efeito, ao referir a “técnica da estética” (MAFFESOLI, 1990), ou seja, o compromisso exclusivo da técnica com a emoção.

Somos hoje governados, de facto, pelas imagens de produção tecnológica. E isto quer dizer, por mitos e por deuses (MORIN, 1978). Na “era das massas e das máquinas”, que é o modo como Ernst Jünger definiu o século XIX (JÜNGER, 1990, p. 108), entrámos na civilização da imagem. E é a imagem de produção tecnológica que nos leva a transitar para a nova cultura visual, com os média literários (argumentativos, fundados no pensamento e na persuasão) a darem lugar aos média visuais, que falam à emoção, fascinando-nos e seduzindo-nos. E, assim, de uma racionalidade literária e analógica, fundada na palavra, na razão e na argumentação, passámos a uma racionalidade

1 Pensando especificamente nos Estudos Culturais e nas Ciências da Comunicação, assinalo os seguintes estudos relativos à construção de uma comunidade geolinguística e geocultural transnacional e transcontinental, lusófona e ibero-americana: A Internacionalização das Comunidades Lusófonas e Ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas – O Caso das Ciências da Comunicação (MARTINS, Ed., 2017a); La Comunicación en Iberoamérica - Políticas Científicas y Tecnológicas, Posgrado y Difusión de Conocimiento (KUNSCH, Ed., 2013); Comunicação Ibero-americana - Sistemas Midiáticos, Diversidade cultural, Pesquisa e Pós-graduação (KUNSCH & MELO, Eds., 2012); Revistas Científicas de Comunicação Ibero-americanas na Política de Divulgação do Conhecimento - Tendências, Limitações e os Desafios de Novas Estratégias (PERUZZO, MARTINS & GABRIOTI, Eds., 2021); e ainda, Comunicação e Lusofonia. Para uma Abordagem Crítica da Cultura e dos Média (MARTINS, SOUSA & CABECINHAS, Eds., 2006); Políticas da Língua, da Comunicação e da Cultura no Espaço Lusófono (MARTINS & MACEDO, Eds., 2019); e Lusofonia e Interculturalidade (MARTINS, Ed., 2015a).

2 Sobre o pós-colonial e o decolonial, ver, entre muitas outras referências, Culture and Imperialism (SAID, 1994); The Black Atlantic. Modernity and Double Consciousness (GILROY, 1998); The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options (MIGNOLO, 2011); “Coloniality and modernity/rationality” (QUIJANO, 2007); Negotiating modernity. African’s ambivalent experience (MACAMO, 2005); Pode o Subalterno Falar? (SPIVAK, 2010); e As Missangas da Comunicação. Moçambique no Espaço Ibero-americano (LOPES, 2017).

3 Distancio-me, todavia, de Maffesoli num aspeto importante. O tribalismo é, sem dúvida, uma característica do nosso tempo, uma época que Michel Maffesoli entende como “pós-moderna”. No entanto, de modo nenhum, a meu ver, o nosso tempo, um tempo tribal, significa “o declínio do individualismo” (MAFFESOLI, 1988), como o propõe Maffesoli, mas antes o seu reforço.

tecnológica, fundada na imagem, na emoção e no fascínio. Nestas circunstâncias, de um regime unitário, que nos falava à razão, pois tinha nas ideias e na argumentação, persuadindo-nos, o seu fundamento, passámos a um regime do múltiplo, de imagens e sons tecnológicos, que nos falam à emoção, seduzindo-nos e fascinando-nos (MARTINS, 2021, pp. 519-535). No dizer de Perniola, da idade da razão e das ideias, uma era “ideológica”, passámos a uma idade dos sentidos e das emoções, a uma era “sensológica” (PERNIOLA, 1993).

Sendo a globalização uma realidade de cariz predominantemente económico-financeiro, comandada pelas tecnologias da informação, para todos os povos a globalização apresenta-se, hoje, como um destino inexorável, de mobilização para um mercado global, sendo única e definitiva a identidade dos indivíduos de todas as nações, doravante móveis e flexíveis (sem direitos sociais), mobilizáveis (respondendo às necessidades do mercado), competitivos (adotando a lógica da produção) e performantes (realizadores de sucesso).

Com a tecnologia da informação, deixámos, na realidade, de olhar para as estrelas e passámos a olhar para os ecrãs (VIRILIO, 2001, p. 135). Ou seja, da história de sentido em que se inscreviam as estrelas, a humanidade abriu caminho para os ecrãs, o que quer dizer, para “a inovação, a hibridez e a interatividade” (MARTINS, 2011/12, p. 49). E os novos média, ou média digitais, significam isso mesmo: a comunicação mediada por computador; e, em consequência, a inovação, a hibridez e a interatividade. A inovação, e não o novo, significa práticas que impõem uma intervenção tecnológica. E porque se trata de práticas tecnológicas, o que há a discutir nos média digitais, antes de mais nada, é a programação e o design (FOSTER, 2002).

A meu ver, o novum da experiência contemporânea é precisamente este, o de a techne se fundir com a bios. E num momento em que, com as biotecnologias, se fala da clonagem, de replicantes e de cyborgs, de hibridez, de pós-orgânico e de trans-humano, e em que, com as novas tecnologias da informação, ocorre a crescente miniaturização da técnica e a imaterialização do digital, “neste tempo de biotecnologias e de novas tecnologias da informação, dá-se a completa imersão da técnica na história e nos corpos” (Martins, 2015d, p. 343).

Esta imersão da técnica na vida, a fusão da bios com a techne, que é particularmente evidente com as biotecnologias, os implantes, as próteses, a engenharia genética, acontece, também, no caso das novas tecnologias da imagem. E assim, aquilo a que hoje chamamos tecnologias da comunicação e da informação, especificamente a fotografia, o cinema, a televisão, os jogos eletrónicos, o multimédia, as redes cibernéticas e os ambientes virtuais, “funcionam em nós como próteses de produção de emoções, como maquiagem que modelam em nós uma sensibilidade puxada à manivela” (Martins, 2015d, p. 343).

Em concomitância com as práticas tecnológicas, surgem, entretanto, novas práticas de comunicação, que impõem uma alteração do sentido do olhar, assim como uma alteração do sentido da leitura. Hoje, por exemplo, ler o jornal, ver televisão ou ir às exposições de um museu, são exercícios de comunicação, que incluem, todos, práticas de navegação Web, o que quer dizer práticas de comunicação, em condições específicas de tempo, espaço e interlocução: downloads, pirateados ou não, visualizações no Youtube, discussões nas redes sociais, expansão de artigos em posts de blogs, expansão de imagens em vídeos no Youtube.

As novas práticas tecnológicas, significam, também, a hibridez, o que quer dizer, uma síntese tornada possível pela realidade técnica, que abre espaço para seres artificiais, mundos virtuais e experiências simulacrais. E, neste contexto, uma coisa é, por exemplo, o processo de leitura, caracterizado por Roman Jakobson, em *Linguística e Comunicação* (JAKOBSON, 2003), que supõe uma tradução intersemiótica, ou de transmutação, no processo de interpretação dos signos verbais, por meio de sistemas de signos não verbais. E coisa bem diferente é a leitura a que se refere o “transmedia storytelling”, ou cross-media, que significa a expansão da narrativa, por meio de vários média (SOUSA, MARTINS & ZAGALO, 2016).

Os média digitais, como novas práticas de comunicação, significam, ainda, a interatividade, e não propriamente a interação, ou seja, significam práticas sociais que não apenas remetem para a liberdade e autonomia dos atores sociais; remetem, igualmente, para os constrangimentos da ação social, a qual ocorre, sempre, como referi, em condições específicas de tempo, espaço e interlocução. E são os atuais dispositivos eletrônicos de programação e de design, numa linha que é tanto de continuidade como de rompimento com a máquina fotográfica⁴, que generalizam o processo de produção de imagens como práticas de “simulacro e simulação” (BAUDRILLARD, 1981), entre a troca lúdica e a partilha diária de imagens digitais, nos ambientes reais e virtuais dos nossos telemóveis e computadores, de idêntica forma à que ocorreu, no passado, com os postais ilustrados (CORREIA, 2013; e MARTINS & CORREIA, 2014).

As práticas tecnológicas de comunicação significam, então, novas práticas de produção do sentido, ou seja, novas práticas da linguagem e da comunicação: por um lado, textualidades multimodais (“hipertextualidades”); e por outro, formas de comunicação digital interativa. Entretanto, nesta “travessia”⁵, atribuímo-nos uma “pele tecnológica” (KERCKHOVE, 1997), uma pele para a afeção, o que quer dizer, uma pele para o ser-e-estar-com-outros.

Naturalmente que este ponto de vista sobre os média digitais não invalida que o desafio comunicacional atual tenha que atender às “novas materialidades” e à “agência dos objetos” envolvidos nestas materialidades, especificamente as interfaces, a lógica algorítmica, a construção de banco de dados e os princípios escondidos em documentos técnicos e patentes (Lemos, 2020, p. 58).

Podemos dizer, neste contexto, que este novo paradigma cibercultural concretiza uma “circum-navegação tecnológica”⁶ e que esta circum-navegação constitui uma “travessia”, que reativa em nós formas antigas, o arcaísmo, enfim a mitologia, e ao mesmo tempo reconfigura em permanência a comunidade, pelo desejo de ser-e-estar-com-outros (MORIN, 1978; MARTINS, OLIVEIRA & CORREIA, 2011)⁷.

Nestas circunstâncias, o espaço transnacional e transcultural dos povos que falam o português e o espanhol não pode deixar de se confrontar com um desafio estratégico. Encontrando-se, hoje, do mesmo lado da barricada, de países dominados, subalternos, e em permanência empurrados para a periferia da globalização hegemónica, um espaço falado numa única língua, o inglês, a ideia, tanto de uma identidade lusófona, como de uma identidade ibero-americana, pode ser encarada como o resultado de uma “circum-navegação tecnológica”, ou seja, como uma “travessia”, a ser realizada pelos povos de língua portuguesa e de língua espanhola, no sentido do interconhecimento e da cooperação, científica, cultural, cívica, política e económica, e também de afirmação da diversidade no mundo, uma “circum-navegação” que abra os confins do desenvolvimento humano.

4 A máquina fotográfica inaugurou, por meados do século XIX, a revolução ótica, que através do cinema, da televisão, do vídeo, e finalmente da Internet, rompeu com a era literária e analógica e nos conduziu à civilização da imagem, um regime autotélico da imagem.

5 A figura de “travessia”, associada à ideia de uma viagem perigosa, dado que não controlada (enigmática, labiríntica, incerta e arriscada), tomo-a de João Guimarães Rosa, em o Grande Sertão – Veredas, publicado em 1956. A viagem perigosa de que se trata é a vida. “Viver nem não é muito perigoso?”, interroga-se Riobaldo, a personagem principal do romance (GUIMARÃES ROSA, 2001, p. 51).

6 A figura da circum-navegação, associada à ideia de viagem tecnológica, é desenvolvida, originalmente, na tese de doutoramento de Stéphane Hugon, defendida em 2007, na Sorbonne, com o título, *Circumnavigations, la construction sociale de l'identité en ligne*. Esta tese foi publicada em 2010, mantendo a figura da circum-navegação no título: *Circumnavigations. L'Imaginaire du voyage dans l'expérience Internet* (HUGON, 2010). Colocando-se do ponto de vista de “uma sociologia dos espaços eletrónicos”, Hugon interroga, entre outros aspetos, “uma cultura da deambulação”, “uma genealogia da deriva”, “o que significa habitar”, “o que é uma paisagem” e, ainda, “a dinâmica comunitária”.

7 Desenvolvi a ideia de cibercultura como “circum-navegação tecnológica”, também noutros textos. Assinalo, neste sentido: “Ciberculturas” (MAFFESOLI & MARTINS, 2011, pp. 43-44); Crise no castelo da cultura. Das estrelas para os ecrãs (MARTINS, 2011a, pp. 18-19); “Média digitais - hibrididade, interatividade, multimodalidade” (MARTINS, 2011/2012, pp. 52-54); Média digitais e lusofonia (MARTINS, 2015c, pp. 37-43); “Os países lusófonos e o desafio de uma circum-navegação tecnológica” (MARTINS, 2018a); e “Communication studies cartography in the Lusophone world” (MARTINS, 2018c).

A circum-navegação assinala, classicamente, a experiência da travessia de oceanos e a ultrapassagem do limite estabelecido, de mares, terras e conhecimentos, pelo que constitui uma boa metáfora para caracterizar a (a)ventura lusófona e ibero-americana, não apenas da cultura da diversidade e do diálogo intercultural e transcultural, como também da ciência produzida em português e em espanhol. A “circum-navegação tecnológica” a empreender far-se-á através de sites, portais, redes sociais, repositórios e arquivos digitais, e ainda, museus virtuais, na convicção de que uma grande língua de culturas e de pensamento, como é a língua portuguesa, não pode deixar de ser, igualmente, uma grande língua de conhecimento científico e humano.

Espera-se, pois, que esta “circum-navegação tecnológica” possa desenvolver literacias, que promovam a cultura da diversidade e da comunicação intercultural, nos países e regiões de língua portuguesa e espanhola, assim como das suas diásporas. Pensando especificamente nos países de língua portuguesa, foi este o sentido que dei, tanto à criação do Museu Virtual da Lusofonia, na Universidade do Minho⁸, como à criação da Revista Lusófona de Estudos Culturais⁹, também na Universidade do Minho. Em ambos os casos, com a criação da revista, em 2013, e com a criação do Museu, em 2017, pretendia-se “a constituição de bases de conhecimento”, à escala lusófona”, que pudessem representar, “não apenas uma importante afirmação científica em língua portuguesa”, mas que reunissem, também, “um importante acervo, cultural e artístico”, que permitisse “compreender a lógica das interdependências, do ponto de vista da comunicação intercultural” (MARTINS, 2018a, p. 72). Ou seja, inspirando-me em TODOROV (1982), um dos objetivos pretendidos com este acervo científico, cultural e artístico foi o de “esclarecer os juízos de valor que temos sobre o outro, assim como os estereótipos com que os enquadramos” (MARTINS, 2018a, p. 72). E, por outro lado, foi também um objetivo esclarecer as práticas concretas de assimilação, submissão ou indiferença, relativamente ao outro, assim como contrariar a ‘metafísica da unidade’, que possa estar presente na ideia de comunicação intercultural, se porventura desconhecermos os processos sociais de segregação, dominação e tomada de poder (MARTINS, 2014).

Dizia, todavia, que o debate sobre as culturas e as identidades lusófona e ibero-americana ocorre num contexto pós-colonial. Pensar neste contexto os espaços transculturais e transnacionais não pode, é claro, significar o aplainamento das diferenças entre países muito diversos e heterogéneos, mas ter presente a relação intrincada que os mundos não ocidentais têm com os antigos impérios coloniais. E antes de mais nada, é preciso ter presente a identidade multicultural e heterogénea que constitui cada comunidade dos espaços lusófono e ibero-americano. E é preciso, ainda, interrogar os média destes espaços, no contexto das estratégias identitárias transnacionais, nacionais e locais.

Por outro lado, as circunstâncias pós-coloniais falam-nos de um mundo mobilizado nas suas práticas por toda a espécie de tecnologias, sobretudo por dispositivos tecnológicos de comunicação, informação e lazer. E sendo tecnológica a condição da época e o ciberespaço um novo contexto de comunicação, coloca-se a possibilidade de as identidades lusófona e ibero-americana se construírem, também, através de web sites, portais eletrónicos, redes sociais, repositórios digitais de ciência aberta e museus virtuais, o que quer dizer, através de uma “circum-navegação tecnológica”. Na era da “sociedade em rede” (CASTELLS, 1996; MARTINS, CABECINHAS & MACEDO, Eds., 2011) e da “cultura-mundo” (LIPOVETZKY & SEROY, 2008; MARTINS, CABECINHAS & MACEDO, Eds., 2012), com as tecnologias da comunicação e da informação a marcarem a época, a ideia de identidade lusófona e de identidade ibero-americana abrem a novas paisagens, novas atmosferas, novos ambientes, novos territórios, e portanto, também a novos conhecimentos (MARTINS, 2011b, 2014, 2015b, 2015/2016, 2017b, 2018a, 2018b, 2018c; SCOLARI, 2011).

Entretanto, pensar os espaços lusófono e ibero-americano, no quadro alargado de uma reflexão sobre memória histórica, desenvolvimento, comunicação e cidadania é, hoje, antes de mais nada, atender a estas circunstâncias tecnológicas, ou seja, é discutir, tanto as implicações políticas

8 Disponível em <http://www.museuvirtualdalusofonia.com/>

9 Disponível em <http://www.rlec.pt/index.php/rlec>

e económicas destes espaços, como as suas implicações sócio-culturais. Mas não podemos deixar de atender, igualmente, ao modo de produção e circulação das representações sociais, que acompanham os processos de discriminação social e xenofobia, ou então os nacionalismos e populismos, o que significa que é necessário discutir a ideia de representação social e a sua articulação com a ideia de campo social¹⁰.

Ora, representar o mundo é classificá-lo (BOURDIEU, 1980, 1982; ORIOL, 1979, 1985). E classificar é di/vidir e lutar pela di/visão, dentro de um campo social específico (BOURDIEU, 1976, 1977, 1979). No entender deste sociólogo francês, um campo social é caracterizado por constituir um lugar marcado por tomadas de posição conflituais. Neste entendimento, a escola, os média, a cultura, a arte, a economia, a política, enfim, o discurso, assim como a própria ciência, constituem campos sociais. E, como tal, conhecem relações de força, fenómenos de concentração do capital e do poder, relações sociais de dominação e lutas pelo controlo dos seus meios específicos de produção e reprodução. E as Ciências Sociais e Humanas (CSH), sendo um discurso, também constituem um campo social, de forças e lutas, seja para a sua manutenção, seja para a sua transformação, com as relações entre os agentes a influenciarem os processos de tomada de decisão. Para compreendermos este campo específico é fundamental identificar a distribuição do capital científico, assim como o local ou a posição dos atores sociais dentro desse campo, o que quer dizer, que é fundamental identificar o lugar a partir do qual tomamos a palavra (FOUCAULT, 1971).

Por exemplo, pensar os espaços lusófono e ibero-americano, no quadro alargado de uma reflexão sobre a memória histórica, assim como sobre a comunicação e a cidadania, passa por interrogar as tensões sociais dentro e fora das comunidades nacionais de referência e os seus níveis de participação cívica, avaliando, por outro lado, o papel dos média no processo social de constituição de estereótipos sociais sobre a etnia e a cor da pele (CABECINHAS, 2002, 2015; CABECINHAS & CUNHA, Eds., 2008). Neste entendimento parecem-me, igualmente, merecer atenção a análise das sub-culturas juvenis de cariz étnico, urbanas e sub-urbanas, porque se trata de analisar as representações do mundo e os mecanismos de legitimação de novas práticas culturais, reclamadas umas e outras pelos mais diversos grupos sociais.

O mundo contemporâneo é essencialmente multicultural. Debater à luz deste entendimento a identidade lusófona e a identidade ibero-americana, ou seja, debater estas classificações, ou melhor, estas di/visões, obriga a pensar os fenómenos comunicacionais em termos interculturais e transculturais. É, no entanto, a realidade da língua, no caso lusófono e ibero-americano as línguas portuguesa e espanhola, que unem hoje cerca de 750 milhões de falantes, que permite o sonho de um imaginário lusófono e ibero-americano, enfim, o sonho de uma comunidade lusófona e ibero-americana¹¹.

Não me parece, todavia, que tanto a figura da Lusofonia, como a figura da Ibero-América possam convocar, hoje, uma comunidade transnacional com propósitos económicos, porque tanto Portugal como a Espanha, por um lado, e o Brasil, que é o principal país latino-americano, por outro, têm a esse nível outros quadros de referência que os vinculam. Portugal e Espanha estão hoje economicamente vinculados à Comunidade Europeia e o Brasil à Mercosul. E a mesma coisa

10 Sobre a ideia de “campo social”, relembro os estudos de Pierre Bourdieu: *La Distinction. Critique sociale du jugement* (BOURDIEU, 1979); “*Sur le pouvoir symbolique*” (BOURDIEU, 1977) e “*La champ scientifique*” (Bourdieu, 1976). E sobre a natureza da “representação social”, assinalo não apenas do sociólogo Pierre Bourdieu, *Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques* (BOURDIEU, 1982) e “*L'identité et la représentation. Éléments pour une réflexion critique sur l'idée de région*” (BOURDIEU, 1980), mas também, de Michel Oriol, “*L'identité produite, l'identité instituée, L'identité exprimée – les confusions de théories de L'identité nationale et culturelle*” (ORIOL, 1979) e “*Appartenance linguistique, destin collectif, décision individuelle*” (ORIOL, 1985); e ainda, “*O discurso da identidade e o modo de enunciar a periferia*” (MARTINS, 1991) e *Para uma Inversa Navegação - O Discurso da Identidade* (MARTINS, 1996).

11 Cerca de 300 milhões é a população dos oito países de língua portuguesa. Por sua vez os países ibero-americanos de língua espanhola perfazem 450 milhões a população. (Dados do Internet World Stats: <https://www.internetworldstats.com>).

acontece no que respeita às alianças políticas. Portugal e a Espanha integram o chamado bloco ocidental. E o Brasil, assim como os outros países da América Latina e todos os países africanos de língua portuguesa distanciam-se deste bloco. Mas acentuo o facto de os propósitos e as estratégias sócio-culturais e artísticas prevaletentes se exprimirem, por um lado através do multiculturalismo, porque existem as realidades múltiplas e heterogéneas que são a cultura portuguesa, a cultura espanhola, a cultura brasileira, a cultura angolana, a cultura moçambicana, e muitas outras ainda. E, por outro lado, acentuo o facto de os propósitos e as estratégias sócio-culturais e artísticas prevaletentes se cumprirem na interculturalidade, uma hibridez que compreende não apenas o encontro daquilo que é diverso e heterogéneo, mas também a dominação e o apagamento do outro.

Nem a identidade lusófona, nem a identidade ibero-americana são, portanto, uma realidade feita. O facto de cerca de 750 milhões de indivíduos falarem o português e o espanhol é um ótimo ponto de partida para acalentar o sonho de uma comunidade lusófona e de uma comunidade ibero-americana. Mas a língua, por si só não nos garante essa comunidade. Tanto a comunidade lusófona, como a comunidade ibero-americana, não são realidades definidas, porque se o fossem, seriam definitivas. São, sim, comunidades indefinidas e infinitivas, ou seja, como comunidades são sonho, pelo que há que as construir.

Globalização, áreas culturais e comunicação. As áreas culturais lusófona e ibero-americana

Ao autonomizar-se como variável dominante no mundo, a globalização fracionou as sociedades transcontinentais, cujos projetos todavia a precederam: o Brasil e os Estados Hispânicos convergem no Mercosul; por sua vez, a francofonia, a comunidade britânica, a lusofonia e o panarabismo desenvolveram linhas diferenciadas na unidade do continente africano. Além disso, o Corão apela à identidade de um cordão muçulmano que, de Gibraltar à Indonésia, divide o norte do sul do mundo.

Nestas circunstâncias, é certamente desafiante a tarefa de harmonizar tão diferenciadas e múltiplas filiações, umas baseadas na experiência e na história, outras induzidas pelas leituras do futuro premente. Hoje, todas as áreas culturais falam pela primeira vez com voz própria na cena internacional e veem-se forçadas à convergência, pela globalização derivada das revoluções científica, tecnológica e dos mercados. Neste contexto, cada país vai ter que considerar a ligação a grandes espaços diferenciados e, conjunturalmente, vai ter que considerar também a ligação a espaços com interesses que podem ser contraditórios.

Ao refletir sobre a comunidade lusófona e a comunidade ibero-americana, no atual contexto tecnológico, há que assinalar dois importantes fatores. Por um lado, a multidão de pessoas que têm a língua portuguesa e a língua espanhola como primeira língua. Depois, as condições de possibilidade de uma “circum-navegação tecnológica”. Envolvendo web sites, portais, repositórios digitais de ciência aberta, museus virtuais, a travessia a fazer nesta circum-navegação permite-nos sonhar com novas paisagens, novas atmosferas, novos ambientes, novos territórios, e portanto, também com novos conhecimentos, que constituem caminhos de comunidade.

No entanto, a Internet não tem penetrado, de modo homogéneo, as populações dos países dos vários continentes. Embora caracterize a nossa época e nos mobilizar a todos, a Internet penetra de modo mais abrangente as populações dos países mais ricos. Deste modo, as possibilidades abertas pela Internet para a divulgação do conhecimento, assim como para o interconhecimento e a cooperação entre os povos, não favorece por igual todos os povos, nem todas as línguas. Centrom-me, especificamente, no espaço lusófono e ibero-americano. E é com a apresentação destes dados que finalizo este estudo.

São mais de 296 milhões os falantes de português. E mais de 450 milhões os falantes de espanhol na Ibero-América (222 milhões na América do Sul, 182 milhões na América Central e 47 milhões na Espanha). O total de falantes de português e de espanhol na Ibero-América perfaz perto de 750

milhões¹². Por sua vez, a penetração da Internet na população dos países que falam o português como língua oficial é de 68,4%, um valor ligeiramente acima da penetração no conjunto da população mundial, que ascende a 67,9%¹³. Mas é muito desigual a penetração da Internet nos diferentes países de língua portuguesa. Enquanto em Portugal a penetração da Internet, relativamente ao conjunto da população, é de 88,1% e no Brasil é de 82,8%, em Cabo-Verde é apenas de 62,3%. Mas a situação piora bastante mais nos restantes países de língua portuguesa, em que a penetração da Internet é a seguinte: 44,0% na Guiné-Bissau; 37,9% em Timor-Leste; 28,6% em São Tomé e Príncipe; 26,0% em Angola; e 20,3% em Moçambique.

Por outro lado, no que respeita à América do Sul, a penetração da Internet, relativamente à totalidade da população, é de 84,4%, destacando-se o Chile com 97,2%, o Uruguai com 93,2%, a Argentina com 91,1% e o Peru com 87,0%. E na América Central, a penetração da Internet, relativamente ao conjunto da população, é de 61,9%, destacando-se a Costa Rica com 85,9% e Panamá com 68,6%.

Sendo certo, no entanto, que o combate pela assunção da diversidade e da diferença não pode deixar de ser feito no pensamento e no conhecimento, do mesmo modo que tem que ser travado nas culturas e nas artes, estas notas finais dão conta das possibilidades tecnológicas que podem servir a atual rede de repositórios eletrónicos e de museus virtuais, em constituição por todo o mundo académico, com o intuito de disponibilizarem, em acesso aberto, conhecimento (científico, cultural e artístico), em português e em espanhol, assim como dados de investigação.

A globalização, e o paradigma comunicacional da sociedade em rede, que a globalização reclama, baseada na convergência dos meios de comunicação e na ampla utilização de tecnologias da informação, convocam, entretanto, um novo lugar para os espaços de língua portuguesa e de língua espanhola. O ciberespaço permite, com efeito, o estabelecimento de redes virtuais de comunicação entre cidadãos, que pensam, sentem e falam em português e em espanhol. E a questão a que a comunidade científica está convidada a responder é a de saber o que é que acrescenta à experiência da identidade lusófona e da identidade ibero-americana este novo espaço onde investigadores das mais diversas proveniências se (re)encontram para partilhar informação, experiências, ideias e memórias, cooperando em redes de construção e de partilha do conhecimento em língua portuguesa e espanhola.

Quando falamos de informação, pela imprensa escrita, pela rádio e pela televisão, e também pela Internet, e de conhecimento através de Web sites, portais, repositórios digitais de conhecimento e museus virtuais, não podemos deixar de ter em atenção que a informação e o conhecimento se fazem em línguas e que é sempre necessária uma língua natural para os divulgarmos.

À medida, todavia, que o mundo se torna mais global, que a velocidade dos transportes encolhe as distâncias geográficas, que as redes de telecomunicações se espalham em maior largura de banda, a pressão por uma só língua aumenta. No entanto, todos aqueles que se acham comprometidos com as línguas portuguesa e espanhola têm que estar nessa luta. Preservar uma língua, expoente máximo de uma cultura, é saber fortificá-la na comunicação diária e global. Neste sentido, é dever dos falantes de uma língua, e portanto tarefa de cidadania, cultivá-la e promovê-la, porque é na língua em que sentimos, pensamos, nos exprimimos e comunicamos, que se joga a identidade de uma povo, de uma cultura, de uma civilização. E mais que quaisquer outros falantes, são instrumentos ativos dessa fortificação linguística os profissionais da comunicação social, e também os professores de língua e cultura portuguesa.

É, todavia, uma realidade que a cooperação científica e o intercâmbio editorial entre os investigadores dos países de língua portuguesa e espanhola continua a ser bastante limitado. Mas é expectável

12 Dados do Internet World Stats: <https://www.internetworldstats.com>

13 Dados da Europa e da Ásia, relativos a julho de 2022; de África, relativos a dezembro de 2021; da América do Sul, relativos a junho de 2021; da América Central, relativos a junho de 2019 (Internet World Stats: <https://www.internetworldstats.com>).

que a língua funcione aqui não apenas como um importante instrumento comercial e político, mas igualmente cultural, artístico e científico, num tempo marcado pela globalização, interculturalismo e multiculturalismo. O que em nada contradiz, todavia, a consideração de realidades nacionais multiculturais em distintas regiões do globo, com a língua portuguesa e a língua espanhola a terem que se relacionar com outras línguas locais e a terem que entrar em muitos casos em competição com elas.

Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean (1981). *Simulacres et Simulation*. Paris: Galilée.
- BOURDIEU, Pierre (1976). “La champ scientifique”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 2/3, pp. 88-104.
- BOURDIEU, Pierre (1977). “Sur le pouvoir symbolique”. *Annales*, n. 3, pp. 405-411.
- BOURDIEU, Pierre (1979). *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Éditions de Minuit.
- BOURDIEU, Pierre (1980). “L’identité et la représentation. Éléments pour une réflexion critique sur l’idée de region”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 35.
- BOURDIEU, Pierre (1982). *Ce que parler veut dire. L’économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard.
- CABECINHAS, Rosa (2002). Media, etnocentrismo e estereótipos sociais. In SILVEIRA, Joel & MIRANDA, José Bragança. (Eds.), *As Ciências da Comunicação na viragem do século* (pp. 407-418). Lisboa: Vega. <http://hdl.handle.net/1822/1599>
- CABECINHAS, Rosa (2015). Representações sociais da história nacional. Estudos comparativos em contexto lusófono. In MARTINS, M. L. (Ed.), *Lusofonia e interculturalidade – promessa e travessia* (pp. 335-354). Vila Nova de Famalicão: Húmus. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/39713>
- CABECINHAS, Rosa & CUNHA, Luís (Eds.) (2008). *Comunicação Intercultural: Perspectivas, Dilemas e Desafios*. Porto: Campo das Letras.
- CASTELLS, Manuel (1996). *The Rise of the Network Society*. Blackwell Publishers, Malden, Massachusetts.
- CORREIA, Maria da Luz (2013). *Intermitências na cultura visual contemporânea: o postal ilustrado e a imagem recreativa*. Tese de doutoramento em Ciência das Comunicação, Universidade do Minho e Paris Descartes (Sorbonne). <http://hdl.handle.net/1822/29216>
- FOSTER, Hal (2002). *Design and crime (and other diatribes)*. New York: Verso.
- FOUCAULT, Michel (1971). *L’Ordre du Discours*. Paris: Gallimard.
- GILROY, Paul (1998). *The Black Atlantic. Modernity and Double Consciousness*. London: Verso.
- GUIMARÃES ROSA, J. (2001). *Grande Sertão – Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. A 1.ª edição é de 1956.
- HUGON, Stéphane. (2010). *Circumnavigations. L’imaginaire du voyage dans l’expérience Internet*. Paris: CNRS Éditions.
- JAKOBSON, Roman, (2003). *Linguística e Comunicação*, Cultrix. Edição original de 1975.
- JÜNGER, Ernst (1990). *La Mobilisation Totale*. In *L’Etat Universel- suivi de La Mobilisation Totale*. Gallimard. Trabalho original publicado em 1930.

- KERCKHOVE, Derrick de (1995). *The Skin of Culture: Investigating the New Electronic Reality*. Somerville Press.
- KUNSCH, Margarida (2013) (Ed.). *La Comunicación en Iberoamérica - Políticas Científicas y Tecnológicas, Posgrado y Difusión de Conocimiento*. Quito: CIESPAL/Confibercom.
- KUNSCH, Margarida & MELO, José (2012) (Eds.). *Comunicação Ibero-americana - Sistemas Midiáticos, Diversidade cultural, Pesquisa e Pós-graduação*. Confibercom & Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.
- LEMOS, André (2020). Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. *Galáxia*, 43: 54-66. <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/43970>
- LIPOVETZKY, Gilles & SEROY, Jean (2008). *La Culture-monde. Réponse à une Société Désorientée*. Odile Jacob.
- LOPES, Armando Jorge (2017). As missangas da comunicação. Moçambique no espaço ibero-americano. In MARTINS, Moisés de Lemos (Ed.), *A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas – o caso das Ciências da Comunicação* (pp. 287-301). Vila Nova de Famalicão: Húmus. <http://hdl.handle.net/1822/49365>
- MACAMO, Elísio (2005). *Negotiating modernity. African's ambivalent experience*. Universidade de Chicago: University of Chicago Press.
- MAFFESOLI, Michel (1988). *Le Temps des tribus. Le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes*. Paris: Klincksieck.
- MAFFESOLI, Michel (1990). *Au creux des apparences. L'éthique de l'esthétique*. Paris: Plon.
- MAFFESOLI, Michel & MARTINS, Moisés de Lemos (2011). "Ciberculturas". *Revista de Comunicação e Linguagens*, vol. 42, pp. 41-52. <http://hdl.handle.net/1822/23794>
- MARTINS, Moisés de Lemos (1991). O discurso da identidade e o modo de enunciar a periferia. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 31, 203-215. <http://hdl.handle.net/1822/23850>
- MARTINS, Moisés de Lemos (1996). *Para uma Inversa Navegação – O Discurso da Identidade*. Porto, Afrontamento.
- MARTINS, Moisés de Lemos (2011a). *Crise no Castelo da Cultura. Das Estrelas para os Ecrãs*. Coimbra: Grácio Editor.
- MARTINS, Moisés de Lemos (2011b). Globalization and Lusophone world: implications for citizenship. In PINTO, Manuel & SOUSA, Helena (Eds.), *Communication and Citizenship: Rethinking Crisis and Change* (pp. 75-84). Coimbra: Grácio Editor. <http://hdl.handle.net/1822/25344>
- MARTINS, Moisés de Lemos (2011/2012). "Média digitais: hibridez, interactividade, multimodalidade". *Revista de Comunicação e Linguagens*, 43/44 (pp. 49-60). Lisboa, Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens. <http://hdl.handle.net/1822/25606>
- MARTINS, Moisés de Lemos (2012). "Revistas científicas de ciências da comunicação em Portugal: da divulgação do conhecimento à afirmação do Português como língua de pensamento". *Intercom - RBCC*, 35(1), 233-251.
- MARTINS, Moisés de Lemos (2014). Língua portuguesa, globalização e lusofonia. In BASTOS, Neusa (Ed.), *Língua Portuguesa e Lusofonia* (pp. 15-33). São Paulo: EDUC – IP-PUC. <http://hdl.handle.net/1822/29178>
- MARTINS, Moisés de Lemos (Ed.) (2015a) *Lusofonia e Interculturalidade - Promessa e Travessia*. Vila nova de Famalicão. <https://hdl.handle.net/1822/39693>

MARTINS, Moisés de Lemos (2015b). Lusofonias – Reinvenção de comunidades e combate linguístico cultural. In MARTINS, Moisés de Lemos (Ed.), Lusofonia e Interculturalidade – Promessa e Travessia (pp. 7-23). Famalicão: Húmus/CECS. <http://hdl.handle.net/1822/39703>

MARTINS, Moisés de Lemos (2015c). Média digitais e lusofonia. In MARTINS, Moisés de Lemos (Ed.), Lusofonia e Interculturalidade - Promessa e Travessia (pp. 27-56). Vila nova de Famalicão: Húmus. <http://hdl.handle.net/1822/39698>

MARTINS, Moisés de Lemos (2015d). “Os estudos culturais como novas humanidades”. Revista Lusófona de Estudos Culturais, vol. 3(1), pp. 341 – 361. <https://hdl.handle.net/1822/40655>

MARTINS, Moisés de Lemos (2015/2016). Ciências da Comunicação e Mundo Lusófono. Anuário Internacional de Comunicação Lusófona, Vol. XIII (pp. 11-18). Santiago de Compostela: Lusocom/Agacom. <http://hdl.handle.net/1822/45164>

MARTINS, Moisés de Lemos (Ed.) (2017a). A Internacionalização das Comunidades Lusófonas e Ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas – O Caso das Ciências da Comunicação. Vila Nova de Famalicão: Húmus.

MARTINS, Moisés de Lemos (2017b). Comunicação da ciência, acesso aberto do conhecimento e repositórios digitais. O futuro das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas. In MARTINS, Moisés de Lemos (Ed.), A Internacionalização das Comunidades Lusófonas e Ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas – O Caso das Ciências da Comunicação (pp. 19-58). Vila Nova de Famalicão: Húmus. <http://hdl.handle.net/1822/51039>

MARTINS, Moisés de Lemos (2018a). “Os países lusófonos e o desafio de uma circum-navegação tecnológica”. Comunicação e Sociedade, 34, 87-101. [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.34\(2018\).2937](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.34(2018).2937)

MARTINS, Moisés de Lemos (2018b). “A lusofonia no contexto das identidades transnacionais e transcontinentais”. Letrônica - Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS, 11(1), 3-11. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2018.1.30438>

MARTINS, Moisés de Lemos (2018c). “Communication studies cartography in the Lusophone world”. Media, Culture & Society, 40(3), 458-463. <https://doi.org/10.1177/0163443717752812>

MARTINS, Moisés de Lemos (2021). Para uma nova teoria dos media, do espaço público e da opinião pública. In RILEY, C. G., HENRIQUES, C., GOMES, P. M., CUNHA, T.C. (Orgs.) A Liberdade por Princípio. Estudos e Testemunhos em Homenagem a Mário Mesquita (pp. 519-535). Lisboa: Tinta da China. <https://hdl.handle.net/1822/73736>

MARTINS, Moisés de Lemos.; CABECINHAS, Rosa & MACEDO, Lurdes (Eds.) (2011). Lusofonia e Sociedade em Rede. [Volume temático]. Anuário Internacional de Comunicação Lusófona. CECS, Universidade do Minho. CECS/Grácio Editora.

MARTINS, Moisés de Lemos; CABECINHAS, Rosa & MACEDO, Lurdes (Eds.) (2012). Lusofonia e Cultura-mundo [Volume temático]. Anuário Internacional de Comunicação Lusófona. Universidade do Minho. CECS/ Grácio Editora.

MARTINS, Moisés de Lemos & CORREIA, Maria da Luz (Eds.) (2014). Do Post ao Postal. Famalicão, Húmus. <http://hdl.handle.net/1822/35295>.

MARTINS, Moisés de Lemos, SOUSA, Helena & CABECINHAS, Rosa (2006) (Eds.). Comunicação e Lusofonia. Para uma Abordagem Crítica da Cultura e dos Média. Porto, Campo das Letras.

MARTINS, Moisés de Lemos & MACEDO, Isabel (Eds.). Políticas da Língua, da Comunicação e da Cultura no Espaço Lusófono. Famalicão: Húmus.

MARTINS, Moisés de Lemos., OLIVEIRA, Madalena & CORREIA, Maria da Luz (2011). “Les images

numériques s'imaginent l'archaïque: mettre en perspective les cartes postales”, *Sociétés, Revue des Sciences Humaines*, n. 111, pp. 163-177. De Boeck. <https://hdl.handle.net/1822/23808>

MIGNOLO, Walter D. (2011). *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options*. Durham, Carolina do Norte: Duke University Press.

MORIN, Edgar (1978). *Le Cinéma ou l'Homme Imaginaire*. Éditions de Minuit. Edição original de 1956.

ORIOU, Michel (1979). L'identité produite, l'identité instituée, l'identité exprimée – les confusions de théories de l'identité nationale et culturelle. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXVI, 19-28.

ORIOU, Michel (1985). Appartenance linguistique, destin collectif, décision individuelle. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXXIX, 335-347.

PERNIOLA, Mario (1993). *Do sentir*. Tradução de A. Guerreiro. Presença. Edição original de 1991.

PERUZZO, Cecília, MARTINS, Moisés de Lemos & GABRIOTI, Rodrigo (Eds.) (2021). *Revistas Científicas de Comunicação Ibero-americanas na Política de Divulgação do Conhecimento - Tendências, Limitações e os Desafios de Novas Estratégias*. UMinho Editora/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. <https://hdl.handle.net/1822/73726>

QUIJANO, Aníbal (2007). Coloniality and modernity/rationality. *Cultural Studies*, vol. 21 - Issue 2-3: Globalization and the De-Colonial Option: 168-178.

SCOLARI, Carlos Alberto (2011). “A construção de mundos possíveis se tornou um processo coletivo” (entrevista). *Matrizes*, ano 4, n.2, pp. 127-136.

SAID, Edward (1994). *Culture and Imperialism*. Nova Iorque: Knopf.

SOUSA, Marta Noronha; MARTINS, Moisés de Lemos. & ZAGALO, Nelson (2016). Transmedia storytelling: The roles and stakes of the different participants in the process of a convergent story, in divergent media and artefacts. In LUGMAYR, Artur & DAL ZOTTO, Cinzia (Eds.), *Media convergence handbook – Vol. 2* (pp. 117-135). Berlin/Heidelberg: Springer-Verlag.

SPIVAK, Gayatri. (2010). *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: UFMG. Edição original de 1988.

TODOROV, Tzvetan. (1982). *La Conquête de l'Amérique. La Question de l'Autre*. Paris: Éditions du Seuil.

VIRILIO, Paul (2001). “Entretien avec Paul Virilio”. In *Le Monde de l'Éducation*, 294, pp. 135-138.

Referências eletrônicas

Internet World Stats: <https://www.internetworldstats.com>

Museu Virtual da Lusofonia. Disponível em <http://www.museuvirtualdalusofonia.com/>

Revista Lusófona de Estudos Culturais. Disponível em <http://www.rlec.pt/index.php/rlec>